



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

SER OU NÃO SER ROMANCE:

Discussão sobre as novas perspectivas do romance contemporâneo na obra *Mastigando Humanos*, de Santiago Nazarian

Luiz Paulo de Carvalho Ferreira (UEPB/PPGLI)

Rosilda Alves Bezerra (UEPB/PPGLI)

O presente texto tem por objetivo analisar a obra *Mastigando Humanos*, de Santiago Nazarian, a partir de novas perspectivas de leituras que problematizam os conceitos de romance na atualidade. Para tanto, faz-se necessária discussão a partir de conceitos clássicos de romance e sua comparação com novas propostas de leitura e discussão trazidas por Ludmer (2007), Oliveira Neto (2010), Barbosa (1983) e Resende (2008), por exemplo, ao apontarem problemas relacionados às novas perspectivas de escrita romanesca na atualidade e suas relações conflitantes com os conceitos literários clássicos de romance que ainda regem os manuais de literatura brasileira. A partir dessas discussões, busca-se tratar de novas perspectivas de leitura tomando a obra em epígrafe como exemplo em meio a um universo de produção literária que inova a cada dia, com narrativas que encontram caminhos difíceis no processo de “classificação” quanto aos gêneros literários estabelecidos pela crítica literária brasileira. Mas ainda, propõe-se tratar de elementos presentes na obra *Mastigando Humanos*, como a relação intrínseca entre o racional e o irracional, a problematização entre os conceitos e valores de uma proposta de construção humana nos moldes de um maquinismo, de uma forma pré-estabelecida a ser incorporada em um modelo social extremamente seletivo e excludente, mas que é metaforizado através de nossos personagens, especialmente, pelo narrador, em uma relação conflitante que simboliza a relação entre o cânone literário e as novas formas não abarcadas por esse seletivo grupo.

Palavras-chave: Romance. Literaturas. Contemporaneidade.

SER OU NÃO SER ROMANCE:

Discussão sobre as novas perspectivas do romance contemporâneo na obra *Mastigando Humanos*, de Santiago Nazarian

1. Uma forma em deformidade

O romance, como gênero literário moderno, é uma forma de narrativa caracterizada pela problematização de elementos sociais da sociedade burguesa, a partir da construção do gênero épico, segundo Lukács (2000).



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Um romance moderno é caracterizado por uma complexidade maior que outras formas narrativas, como a novela, ou seja, haveria no romance a necessidade de um paralelismo de ações, dentro de uma narrativa de forte caráter realista. Bem como sua extensão permitiria o aprofundamento da construção das personagens. Essas são algumas das características da narrativa romanesca, em sua forma pré-estabelecida e que apresenta uma fôrma a ser preenchida pela escrita. Porém, essa maneira moderna encontra dissonância quando buscamos compreender obras contemporâneas. É o que acontece com a narrativa *Mastigando Humanos*, de Santiago Nazarian.

Mas é tarefa de um seleto grupo de intelectuais dizer em que gênero literário deve-se “enquadrar” determinada obra, bem como apontar o que deve ser considerado ou não canônico. Uma função nobre, mas nos parece excludente e falha, afinal, os critérios utilizados e forçosamente impostos a serem seguidos não são apresentados aos autores e leitores.

Nesse sentido, Foucault em “O que é um autor” problematiza o conceito de transdiscursividade, em que um texto é base para novos textos diferentes, mas fundados nos primeiros. Talvez essa relação esteja ligada a formulação de novos discursos e novas idéias, daí a possibilidade de novas discussões, que podem ou não concordar com o texto inicial. O que pode estar ligado ao que Márcia Abreu apresenta como questionamentos a respeito da existência de bons livros ou não e da escolha de tais obras como boas está relacionada a determinado contexto histórico e época, junto com suas relações de valores e conhecimentos dos leitores e de quem escreve, por exemplo. O autor parece ser constituído por uma figura política e construída a partir de interesses de poder, segundo o filósofo: “o autor é então uma figura ideológica pela qual se afasta a proliferação do sentido.” (Pg. 43)

2. O Pós da literatura

Ludmer em “Literaturas Pós-autônomas” aponta para uma escrita ligada ao território (*Buenos Aires*), o pertencimento dos sujeitos a determinados territórios, uma espécie de identidades local, ou regional. A literatura pós-autônoma se caracteriza por obras não propriamente literárias, ou não se pode assim denominá-las: são ficção e realidade ao mesmo tempo são práticas territoriais do cotidiano, numa ligação fortemente crítica ao capitalismo.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

O que implica em dizer que todo cultural (e literário) é econômico e todo econômico é cultural (e literário). Ficção é realidade e realidade é ficção: testemunho, autobiografia, reportagem jornalísticas, crônica, diário íntimo, etnografia – buscar na realidade cotidiana se afirmar, carregada de realismos sociais, mágicos, costumes, realismo do passado, em que “a ficção era a realidade histórica passada por um mito, fabula, símbolo”.

O texto “O pós-pós: novos caminhos da prosa brasileira no século XXI”, de Godofredo de Oliveira Neto, trata da literatura dos anos 80 e 90, que teria atravessado a fronteira da arte literária. Não há preocupação do autor em limitar explicitamente o que é realidade ou ficção: literatura pós-autônoma.

A literatura pós-autônoma aponta para uma tendência denominada de pós-pós. Em que discute as relações humanas de forma mais delicada e consentâneas da necessidade de uma sociedade menos bestializada, característica do pós-modernismo, excesso de individualismo.

Volta-se ao emprego metafórico e simbólico da linguagem. O romance abre espaço ao singelo e a fala direta dos personagens, com fluxo ao uso da norma culta. Uma escrita que busca a reconciliação e harmonia. Uma literatura menos egocêntrica e mais “poética”, bela, emocionante e o esgotamento da: violência estética e temática, linguagem dura, narrativa fragmentada, mistura de gênero, uso de gírias e palavrões; características que são explícitas na obra analisada de Santiago Nazarian e que discutiremos a seguir.

3. O moderno e modernismo em *Mastigando Humanos*

João Alexandre Barbosa em “A modernidade do romance” discute a diferenciação entre moderno e modernismo. Em que o primeiro se caracteriza por ser um fenômeno de bases universais, enquanto o segundo se centra na idéia de vanguarda; de forma a apontar para os desdobramentos do primeiro, uma obra moderna pode não ser modernista, mas uma obra modernista deve ser moderna.

A noção de moderno é tratada a partir da segunda metade do século XIX. Nesse período, se caracteriza na literatura uma forte relação em descompasso entre literatura e realidade, de forma a romper com a proposta realista. O Moderno é assim considerado uma forma insegura entre realidade e representação da mesma.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Ao discutir a obra modernista *Memórias Sentimentais de João Miramar*, Alexandre Barbosa aponta para um elemento característico dessa escrita: a fragmentação. Esta se faz presente também na obra de Santiago Nazarian, *Mastigando Humanos*, em que a fragmentação da linguagem e mesmo das relações se faz presente continuamente já que é “a convivência que estabelece as verdadeiras ligações” (p.95), mas que não há espaço para a convivência amigável no *underground*, em que as lutas por espaço, no sentido territorial de reconhecimento e respeito pelos pares, se faz através dos conflitos e da tentativa de dominação do mais fraco pelo mais forte.

Assim como *Macunaíma* de Mário de Andrade, que, segundo Alexandre Barbosa, aponta para uma “tese” dos romances modernistas de toda a América Latina e se constitui em um norte a ser seguido pela Escola, a “tese” de Victório (o jacaré escritor do romance *Mastigando Humanos*) passa a representar uma paródia das relações humanas ditas mais racionais, o ambiente acadêmico e suas formulações da exatidão científica e matemática, com seus discursos metafísicos. A realidade humana é parodiada assim como em *Macunaíma*, embora que em níveis e meios diversos.

É nessa desarticulação entre literatura e realidade que se encontra também a obra *Mastigando Humanos* de Nazarian, assim como a literatura de Mário de Andrade. Uma desarticulação que foge ao conceito tradicional de romance em sua versão moderna.

A trajetória do romance ao longo de sua formação não foi linear, seus temas mudaram de acordo com as mudanças nas relações sociais até chegarmos ao modelo moderno, onde se insinua o romance, segundo Amorin (2003). É esse vínculo com a realidade social que nos dá a certeza da mutabilidade da narrativa romanesca. O romance evolui da narrativa de entretenimento ao estudo das relações sociais, segundo Amorin (2003).

Caracterizar *Mastigando Humanos*, como romance não é tarefa fácil, pois partimos do pressuposto de um modelo burguês do século XIX, período em que segundo Lukács houve a dissolução do romance pela ausência de ação épica, entrando em voga as divagações psicológicas. Um caminho oposto ao de Bakhtin, que considera o romance um gênero inacabado.

Tomando o pressuposto de que é a linguagem inovadora que caracteriza a literatura modernista, podemos apontar para a construção da linguagem de Nazarian, não propriamente



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

sob aspectos estruturais inovadores como o discurso direto com o leitor, já utilizado por Machado de Assis, mas a problematização social como aponta Benedito Nunes em “Reflexões sobre o moderno romance brasileiro”, em que o vocabulário rico em palavras de vários campos do conhecimento é usado por um jacaré que vive em um esgoto e passa a ser considerado intelectual, assumindo grau de respeito acadêmico como professor universitário, na busca de tornar outros animais mais racionais. Mas que acredita intimamente que a sociedade precisa de seres “mais capazes” para tentar organizar uma vida ilusória, cheia de hipocrisias e da tentativa de fugir da essência animal. Um discurso que se assemelha ao *O Futuro de uma Ilusão*, de Sigmund Freud: “Só através da influência de indivíduos que possam fornecer um exemplo e a quem reconheçam como líderes, as massas podem ser induzidas a efetuar o trabalho e a suportar as renúncias de que a existência depende.” (FREUD, 1996, 1)

A linguagem é o aspecto que nos chama atenção, a literatura de desconfiança como aponta Benedito Nunes, em que a viagem e o combate, próprios do movimento regionalista, o qual está mais próximo do Naturalismo que do Modernismo para Nunes, se apresenta em *Mastigando Humanos*, cuja busca pelo encontro identitário e a recepção imposta de identidades ao sujeito como afirma Hall (2009), através do processo de aculturação, que atinge o protagonista de *Mastigando Humanos*, em sua transferência do esgoto para a universidade. Um alargamento da experiência temática e mesmo formal ao pôr um animal como protagonista de um romance e, ainda mais, assumindo identidades propriamente humanas, como um professor de filosofia.

A relação moderna entre a obra de Santiago e os escritores modernistas se faz por elementos como a linguagem irônica e a temática abordada, mas segundo Silviano Santiago, o Modernismo nos moldes de 22 até a segunda metade do século passado não cabe aos escritores contemporâneos, pois as demandas ideológicas e estéticas são outras na atualidade. De forma a apontar um novo movimento denominado de pós-modernismo. Movimento caracterizado pelo autoritarismo esquerdista e de direita e pela postura antiliberal.

É a partir da teoria oswaldiana da antropofagia, da relação entre o local e o cosmopolitismo que se fundamenta o movimento modernista, a partir de uma visão do passado que “visa a colocá-lo em condição de força para a criação dependente” (p. 89), a



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

exemplo de *Macunaíma*, uma construção de traços nacionais com forte tom irônico e crítico baseado em uma forma de recontar a história.

Porém, Santiago discute a produção literária atual, que não apresenta, segundo esse estudioso, uma tradição, “indicando outras opções de escrita ficcional entre nós – daríamos conta de que um diferente percurso de leitura poderia ser estabelecido” (p. 92); tal percurso poderia ser assim apontado para a obra *Mastigando Humanos*, de Nazarian, a partir de uma escrita em tom irônico, com vocabulário diversificado e extremamente filosófico no tocante a questões identitárias e existencialistas. Embora com características próprias, como personagens principais sendo protagonizados por animais e a discussão sobre a racionalidade humana, o romance ainda reflete elementos da escrita modernista, e como afirma Santiago: “Não vamos acreditar que o romancista é um ingênuo que deve enxergar os fatos concretos com a inocência de um Adão.” (p. 100).

Afirmar se o romance *Mastigando Humanos* é ou não uma obra moderna deve levar em conta os elementos históricos de sua constituição, como afirma Süsskind: “a interpretação não abandona a reflexão histórica, mas compreende a história como algo de imanente a cada obra de arte particular que ‘habita as três dimensões temporais, ou melhor: as três participam dela, constituem aquela tensão interna que é a sua historicidade.” (p. 42). Portanto, os elementos presentes na obra de Nazarian caracterizam uma estética que pode ser ligada ao movimento modernista, por apresentar elementos inovadores quanto aos padrões modernos de romance ao fundir elementos de gêneros diferentes em sua obra (fábula e romance), embora não possamos fechar tal relação de forma a impedir outras interpretações.

Santiago Nazarian usa e abusa da metáfora e da ironia em seu romance *Mastigando Humanos*. A começar pelo título do livro e a estética da capa, com imagens de partes do corpo humano formando as letras do título.

Mais, Nazarian põe na voz de um jacaré a narração da biografia do crocodiliano que também escreve. O crocodiliano que tem como amigo um cachorro (Brás) e que não teria coragem de comê-lo como fez com outros cães. O autor nos apresenta ainda outro personagem interessante, um sapo que vive bebendo, fumando e que cheira cola junto com um menino de rua. O psicodélico está presente em toda a obra, desde um jacaré intelectual



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

com gostos inusitados e conhecimento vasto da cultura humana até a relação entre loucura e uso de drogas.

O crocodiliano discute e justifica sua saída de seu habitat natural para um lugar inusitado: o esgoto de uma grande cidade. A poluição, dejetos e restos de alimentos que se confundem junto com humanos e cães são os alimentos desse intelectual do submundo. Que escreve com propriedade e conhecimento de termos que passeiam por várias áreas do conhecimento humano, como a medicina (sinapses), filosofia (determinismo), psicanálise (inconsciente coletivo), biologia (níveis tróficos, pecilotérmico), química (dióxido de carbono), por exemplo.

A ironia está presente em todo o texto, pois “Em pouco tempo, vivendo entre o lixo, qualquer um aprende a ler.” Desde a direta crítica ao sistema de ensino até a ironia de um romance entre um jacaré e um tonel de óleo velho; um romance com ares de fábula. Uma proposta que vai contra a tradição moderna do gênero romântico. Para Lukács (2000), o romance moderno é o herdeiro direto da epopéia, ou mesmo, a forma de epopéia moderna. Pois problematiza o próprio sentido da vida em sua totalidade em uma era em que as relações humanas passaram a ter mais um caráter intra-subjetivo. O moderno trouxe mudanças para as relações e essas foram representadas consciente ou inconscientemente na literatura.

O personagem que a todo o momento levanta questões filosóficas e próprias do existencialismo humano: “Se a fome é o impulso básico da existência, o freio da existência seria o medo? Ou seria a sociedade?” o *contratualismo* de Rousseau se faz presente no discurso de um animal de sangue frio dono de uma erudição enorme. Mas que tal erudição levou também ao questionamento de sua racionalidade e a experimentação na bebida como uma espécie de fuga dos conflitos identitários enfrentados pelo narrador. Afinal ele era um jacaré, mas racional, lia, escrevia e tinha hábitos diferenciados de sua espécie; buscou na cidade, embora que as margens dela, um refúgio, um lugar a se descobrir e a ser descoberto.

A relação entre o animal e ambiente, digamos, artificial criado pelo homem é conflituosa, o êxodo da personagem que sai de seu meio natural e se instala em ambiente *underground*, mas que se adapta ao local, com frieza dos esgotos e das relações, até certo ponto. O diferente é visto e posto como marginal; a relação cultural parece ter acontecido de forma forçosa como aponta Hall (2009), em que as relações de conhecimento aconteceram



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

quase de mão única e necessária ao animal, a fim de que sobreviva ao ambiente em que se instalou, mas que apenas sobreviva, se alimentando de tudo aquilo que não mais importa ou necessita aos outros, como nos fala *Mano Brown*: “o que é bom é pra si. O que sobra é do outro. Que nem um sol que aquece, mas também apodrece o esgoto”. É nessa podridão que se encontra nosso narrador intelectual, em meio hostil, mas que se transformou em lar.

Um ambiente negado e invisível socialmente, em um processo do não querer ver, do esconder, do negar a animalidade humana e seus desejos, impulsos e necessidades mais instintivas, como as do “baixo ventre”, como aponta Bakhtin em “A cultura popular na Idade Média e no Renascimento”. O carnal é substituído pelos valores religiosos da cultura judaico-cristã e posteriormente com ideal moderno positivista da constituição de um homem racional puramente, o homem conteano, que não aspira aos instintos, pois diferente de outros animais, possui racionalidade e tal capacidade gera nele valores próprios do ideal humano, de forma a negar sua essência animalesca.

Talvez o mais irônico no romance *Mastigando Humanos* seja essa relação intrínseca entre o racional e o irracional, a problematização entre os conceitos e valores de uma proposta de construção humana nos moldes de um maquinismo, de um modelo pré-estabelecido a ser incorporado em um modelo social extremamente seletivo e excludente. Porém, é metaforizado através de nossos personagens, especialmente, pelo narrador, que tem pressa em terminar suas memórias, mas de por sua obra como produto do mercado cultural, mas de apresentar-se, de aparecer.

A marginalidade literal, espacial e ideológica de nosso jacaré escritor esta presente ao longo de toda a obra, a busca conflitante por espaço faz dessa literatura uma metáfora ao marginal, embora a linguagem utilizada por Nazarian possa ser posta, se isso é possível, no que Ludmer chama de literatura pós-autônoma, com a linguagem que varia entre o erudito e a afirmação de uma identidade local, e própria do ser.

Embora a literatura pós-autônoma se caracterize por obras não propriamente literárias, ou não se pode assim denominá-las: são ficção e realidade ao mesmo tempo são práticas territoriais do cotidiano, numa ligação fortemente crítica ao capitalismo; a obra de Nazarian apresenta esses elementos, mas usa a metáfora como afirmação de uma literatura que é ao mesmo tempo ficcional e real, em que o simbólico é experimentado e posto em



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

destaque com base no ideologicamente correto e em fatores econômicos da dicotomia centro/periferia.

O que pode ser apontado na discussão de Ludmer que todo cultural (e literário) é econômico e todo econômico é cultural (e literário). Ficção é realidade e realidade é ficção: testemunho, autobiografia, reportagem jornalísticas, crônica, diário íntimo, etnografia – buscar na realidade cotidiana se afirmar, carregada de realismos sociais, mágicos, costumes, realismo do passado, em que “a ficção era a realidade histórica passada por um mito, fábula, símbolo”.

Em linha semelhante está “O pós-pós: novos caminhos da prosa brasileira no século XXI”, de Godofredo de Oliveira Neto, em que a literatura dos anos 80 e 90 teria atravessado a fronteira da arte literária. Não há preocupação do autor em limitar explicitamente o que é realidade ou ficção: literatura pós-autônoma.

Nazarian traz temáticas existenciais próprias do humano moderno e da consciência do lugar em si. O espaço como inserção do indivíduo em base conflitante com outros indivíduos e em constante e necessária relação com os mesmos. O jacaré escritor, assim como o “defunto escritor” de Machado de Assis, denota uma busca pelo discurso subjetivo, também relacionado pelo novo melhor amigo do jacaré (Brás), o único cão que nosso protagonista não comeria. A figura animal é lançada em contraponto ao que propõe a discussão sobre a literatura pós-autônoma, que aponta para uma tendência, que trata das relações humanas mais delicadas e consentâneas da necessidade de uma sociedade menos bestializada, característica do pós-modernismo, excesso de individualismo. Ironicamente, essa sociedade menos bestializada tem na figura de um jacaré um ser de grande erudição e bem mais aberto a diálogos e aceitação das diferenças, enquanto os humanos marginalizam e excluem o que não estiver dentro dos padrões pré-estabelecidos em determinado período histórico.

Considerações Finais

O simbolismo da narrativa está presente ao longo de todo o texto, seja na personificação dos animais e até objetos, seja nos discursos do narrador, que parte de idéias de forte traço filosófico modernista.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

O romance abre espaço ao singelo e a fala direta de alguns personagens, com fluxo ao uso da norma culta. Uma escrita que busca a reconciliação e harmonia. Uma literatura que discute o egocentrismo ao mesmo tempo em que prima pela poeticidade, pela beleza da linguagem e o diminui elementos como: violência estética e temática, linguagem dura, narrativa fragmentada, mistura de gênero, uso de gírias e palavrões.

A escrita de Nazarian possui peculiaridades que chamam a atenção do leitor como o alto grau de informações que é posto em sua obra, com uma linguagem que se enquadra dentro do “padrão” de escrita da língua portuguesa, mas que ao mesmo tempo extremamente política.

Próxima da ironia modernista, inovadora na construção das personagens e na gradação psicodélica em que são levados os leitores ao se depararem na leitura de cada nova página com animais/humanos e humanos/animais ao longo da narrativa que preenchem o imagético dos leitores. Que se possivelmente não compreenderão a estrutura de *Mastigando Humanos* como um romance nos moldes moderno. Daí a necessidade de modificarmos os conceitos de gêneros literários atuais, a fim de que eles abarquem as novas criações textuais.

Referencial Bibliográfico

- ABREU, Márcia. *Cultura Letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.
- AMORIM, José Edilson de. *Romance à Brasileira: literatura e sociedade do século XIX*. João Pessoa: Bagagem, 2003.
- BARBOSA, João Alexandre; GALVÃO, Walnice Nogueira; LIMA, Luiz Costa; LUCAS, Fábio; NUNES, Benedito; SANTIAGO, Silvano. *Livro do Seminário de Literatura Brasileira*. São Paulo: L. R. Editores Ltda, 1983.
- DALCASTAGNÉ, Regina. *Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor*. 7ª ed. Lisboa: Nova Veja, 2009.
- FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. In: FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição Standard Brasileira. Trad.: Jayme Salomão. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma Poética da Diversidade*. Trad.: Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidade e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

LUKÁCS, Georg. *A Teoria do Romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. 34ª ed. Trad.: José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

NAZARIAN, Santiago. *Mastigando Humanos: Um Romance Psicodélico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SOARES, Angélica. *Gêneros Literários*. Séries Princípios. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

REZENDE, Beatriz. *Expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.